

Sob os poros da paisagem: as inquietudes do olhar na poesia de Orides Fontela

Maria das Dores Santana de Barros (PG-FL/UFG)

dasdoresletras@gmail.com

Solange Fiúza Cardoso Yokozawa (FL/UFG)

solyokozawa@bom.com.br

Tomada em seu conjunto, a poesia de Orides Fontela (1940-1989), embora seja marcada pela pluralidade de temas e formas, é atravessada por uma incessante busca pelas origens, pelo retorno aos elementos da natureza, representados como o princípio constitutivo e organizador do Ser. Segundo Augusto Massi (1991), esse encantamento pelos elementos ligados à paisagem natural é fruto da formação filosófica da poeta. Orides, no início de sua trajetória criativa, graduou-se em filosofia e fez questão de demonstrar sua predileção pelos filósofos pré-socráticos (*Parmênides* e Heráclito) e por Heidegger. Esses filósofos exerceram fortes influências sobre o fazer poético da autora.

Diante dessas considerações, a presente pesquisa visa investigar as relações entre poesia e paisagem na obra da supracitada poetisa. Esta pesquisa terá um enfoque estético-crítico-filosófico, pois recorre à filosofia para compreender e analisar o corpus selecionado para o trabalho. Este é constituído pelas seguintes obras da poeta: *Transposição* (1969), *Helianto* (1973), *Alba* (1983), *Rosácea* (1986) e *Teia* (1996).

Este projeto é um desdobramento do nosso trabalho de monografia, cujo foco de análise foi a relação entre poesia e filosofia no livro *Transposição*, primeira obra da autora. Durante a nossa pesquisa monográfica, tivemos que ler alguns textos do filósofo alemão Martin Heidegger, haja vista que tal filósofo faz considerações importantes acerca dos estreitos vínculos entre filosofia e poesia. A leitura dos artigos de Heidegger nos conduziu ao universo poético de Friedrich Hölderlin (1770-1846). Hölderlin é considerado um dos maiores poetas alemães. Suas poesias são densas, condensadas e revestidas de alusão à mitologia greco-romana. Embora sua poética apresente fortes traços do idealismo filosófico de Fichte e de Schelling, Hölderlin também é um minerador da palavra, um apaixonado pelas paisagens naturais de seu país. Todavia, é um poeta essencialmente idealista, pois as matrizes

filosóficas que configuram o Romantismo na Alemanha influenciaram significativamente o seu fazer poético. Por isso, em alguns momentos, “o tratamento dado à natureza é idealizado, nostálgico e até ufanista” (Paulo Quintela, 1996, p.195-196). Apesar desse rasgo idealista na sua poética, a natureza é luminosa, nítida, viçosa, onipresente. Segundo Olívio Caeiro (1983, p.304-318), Hölderlin é um dos precursores da modernidade na poesia alemã. Embora apresente traços tanto do Classicismo quanto do Romantismo, não se situa especificamente em nenhum dos dois estilos de época, visto que a mensagem que seus poemas nos comunicam é dirigida ao mundo moderno; sua consciência criadora presentifica-se em vários níveis de seus versos. Com isso, os grandes problemas do homem e da sociedade moderna são abordados de forma lúcida, engendrando, desse modo, indagações de ordem metafísica e atemporais. Assim como Orides, Hölderlin também teve uma formação em filosofia. Foi contemporâneo de Hegel, Schelling e Schlegel, com os quais mantinha um estreito diálogo; foi ainda um leitor perspicaz de Heráclito, Parmênides e Platão. Como podemos perceber, os dois poetas têm bastantes pontos de aproximação, tanto no que se refere ao diálogo com a Filosofia quanto ao que se diz a respeito à poetização da natureza. Por isso, para melhor refletir sobre a poética de Orides, estabelecemos um diálogo entre os dois poetas, visto que Hölderlin foi um dos primeiros artistas da palavra a poetizar a natureza. Em ambos, segundo Andresen (1967, p.11) e Massi (1986, p.18), o filosófico está a reboque do poético. Os dois escritores praticam com maestria o desvelo do pensar e a lapidação da palavra poética. Resguardadas as devidas diferenças, esses poetas clareiam a tessitura da existência e propõem uma indagação essencial sobre o ser da linguagem e da própria poesia.

Como podemos constatar, a representação de elementos ligados à paisagem natural sempre ocupou um lugar de destaque nas artes plásticas e na literatura. Na poesia, a partir do Modernismo, a paisagem passou a ser retratada de modo diferente do que costumava figurar até então. A partir desse período, poetizar a natureza não significa escapismo, evasão ou apaziguamento do sujeito. Mimetizar a paisagem irá denotar uma inquietude do olhar, é apresentar uma configuração outra ao visível. Ver a paisagem significa estabelecer uma relação do sujeito com o mundo exterior, que dá, simultaneamente, sentido ao percebido e àquele que percebe, porque a ação de ver é sempre uma operação atravessada pela subjetividade do sujeito (DIDIHUBER, 2008, p. 23). Anne Cauquelin, no livro *A invenção da paisagem*

(2007), assegura que a paisagem pintada (paisagem representada) é a “concretização do vínculo entre os diferentes elementos e valores de uma cultura, ligação que implica agenciamento, ordenamento e, por fim, uma forma de percepção do mundo” (CAUQUELIN, 2007, p. p. 14-15). Como podemos apreender, Cauquelin acredita que a paisagem é um “modo de ver”. Diante disso, para melhor compreender a poetização da natureza e suas implicações na poesia de Orides e de Hölderlin, acreditamos ser pertinente examinar a noção de natureza no Romantismo, via crítica literária e via matrizes filosóficas desse movimento; visto que vários dos princípios do que denominamos contemporaneidade, em arte, têm seu início na estética romântica, especialmente na versão alemã. O Romantismo não foi apenas um movimento estético-literário, “foi a grande mudança nas idéias, na sensibilidade, no gosto, na moral, na política, no modo de amar e morrer” (Paz, 1998, p.37). O poeta romântico tinha consciência das transformações sócio-culturais do seu tempo, proporcionadas pelo “aburguesamento” dos valores e pelo “divórcio entre sociedade e poesia” (Paz, 1998, p. 44). Além disso, o poeta romântico era um indivíduo ciente da sua famigerada condição de escritor, um sujeito renegado que insistia em viver na contramão do processo de modernização (ou seria padronização?). Entretanto, por ser um indivíduo sensível, que não foi contaminado pelo “estilo burguês de viver, pensar e dizer” (Bosi, 1983, p.164), consegue sentir em meio ao caos a necessidade de retornar ao *Éden*, ao paradisíaco. E isso só era possível, segundo a ótica romântica, por meio da vivência da natureza, ou seja, diante da cisão e da fragmentação impostas pelos valores moderno/burgueses, o poeta romântico empreende, de forma febril, a busca pela “síntese integrativa” (Guinsburg; Rosenfeld, 1993, p. 281), reiteração dos contrários, com o intuito de restabelecer a união com o Absoluto, com o Primordial, com o Atemporal; quando havia integração entre homem e natureza, entre o homem e seus pares, entre poesia e sujeito.

Nesse sentido, a busca pela vivência e poetização das belezas naturais não deve ser reduzida a uma forma de escapismo nem de alheamento à realidade circundante; é posicionamento ativo frente ao meio opressor, visto que, para o gênio romântico, foi conferida à Arte e à Filosofia a tarefa de repensar o homem e o mundo. Logo, segundo Bosi (1983, p.169), a ideia de que a poesia é uma forma de resistência ao *status quo*, tão comum na modernidade contemporânea, é tributária do movimento romântico. Os poetas dessa estética, gênios agraciados por entidades

divinas, acreditavam que a arte deles seria capaz de conscientizar os indivíduos e a sociedade, reconduzindo-os ao reencontro com o elo perdido. Em suma, a vivência da natureza não foi para o Romantismo apenas tematização. A sensibilidade inquietante e conflitiva dos poetas românticos denotam uma atitude rebelde, transgressora e ambígua, fruto fecundo de uma consciência crítica. Assim, para uma melhor compreensão das vicissitudes da poesia moderna, vamos examinar a ideia de natureza, tanto na perspectiva romântica, via suas matizes estéticas e filosóficas, quanto na ótica contemporânea. Para realizar esta análise, faremos uso das considerações do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, que, no livro *A Natureza* (2000), faz estudos pormenorizados das variações da ideia de natureza desde os gregos até a década de 60. De acordo com Merleau-Ponty, para apreendermos as diferentes significações da natureza ao longo do processo sócio-histórico-cultural, não podemos nos pautar apenas no sentido lexical do vocábulo, é preciso avaliar o seu valor simbólico ao longo da historicidade desse termo. E por isso propõe um estudo que contemple a filosofia da natureza, pois “a filosofia da natureza tem necessidade de uma linguagem que possa retomar a natureza no que ela tem de mais simbólica e que por isso estaria próximo à poesia” (Merleau-ponty, 2000, p.74). Para pensamentear as demais indagações feitas neste projeto e as que surgirem ao longo dessa pesquisa, acreditamos, a priori, que seja indispensável a leitura pormenorizada de pesquisadores como: Otavio Paz, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Paul Valery, Maurice Blanchot, Anatol Rosenfeld, Theodor Adorno, Benedito Nunes, Eduardo Lourenço, Francis Ponge, Michel Collo, críticos que têm estudos reconhecidos acerca da temática que estamos investigando. A leitura desses estudiosos tem nos mostrado a poesia de Orídes é desdivinizada, desterritorializada, já a de Hölderlin está ligada a ideia de divindades e a um espaço específico, a Alemanha e os seus carvalhos.

Referências bibliográficas:

BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In:_____. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 139-192.

CAEIRO, Olívio. Oito Séculos de Poesia Alemã. Lisboa, Fundação Calouste, 1969..

COLLOT, Michel et al. (dir.). Le paysage état des lieux. Bruxelles: Ousia, coll. Recueil, 2001.

_____. *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*. Paris: José Corti, 2005.

1988..

GUINSBURG, Jacó; ROSENFEL, Anatol. Um encerramento. In: GUINSBURG, Jacó (org). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 275-293.

HÖLDERLIN, Friedrich. Poemas; seleção, tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MASSI, Augusto. Uma obra feita em espiral. Folha de São Paulo, 09 de agosto de 1986, p. 18.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A Natureza. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, Jacó (org). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 51-64.

PAZ, Octavio. Signos em rotação. In____Signos em rotação. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: perspectiva, 2003, p. 95-123. (Debates).

_____Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

QUINTELA, Paulo. Obras Completas: Hölerlin e Outros Estudos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.